

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e
Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT13 - Marcadores sociais da diferença em articulação

Mudança da Percepção do Corpo: Um debate sobre a mulher no online e offline¹

Rachel Pepe*

Fundação Escola de Sociologia e Política - FESPSP

Resumo

A pesquisa envolve o estudo da mudança na percepção do corpo pela análise das participantes do grupo de *Facebook* “Adeus Hormônios: contracepção não-hormonal”. O grupo reúne mulheres que questionam a contracepção hormonal e é um local de diálogo que além de fazer a revisão do método, poderia estar abrindo portas para as mulheres terem uma nova percepção de seus corpos.

Palavras-chave: Mulher. Corpo. *Facebook*. Contracepção. Hormônios.

¹ A pesquisa foi realizada dentro do programa PIBIC/CNPq 2017/2018. Orientação: Stella C. Schrijnemaekers.

* Discente da graduação em Sociologia e Política da FESPSP. (Email: rachelpepe821@gmail.com)

Introdução

Liberdade e autoconhecimento. Podemos dizer que essas são duas palavras-chave para quem decide abandonar os métodos contraceptivos hormonais, tão enraizados em nossa sociedade, e assim entrar em contato com o seu próprio corpo para conhecê-lo e entender perfeitamente o seu funcionamento (LIMA, 2017).

Existem mulheres que têm deixado de tomar anticoncepcionais hormonais, a fim de conhecerem seu corpo, isso é, entrarem realmente em contato com elas mesmas, verem como é a aparência, como funciona, seus ciclos e a partir disso, escolherem o que é melhor para si. Isso é descrito pela redatora publicitária e jornalista Juliana Lima (2016) como um ato de liberdade e de autoconhecimento, pois apesar dos anticoncepcionais hormonais serem uma conquista dos grupos feministas da década de 60, há mulheres que têm demonstrado interesse ao entrarem em contato com grupos de *Facebook*, cuja proposta é debater sobre tais métodos e possíveis soluções, podendo levar a uma nova percepção de seus corpos.

Um dos grupos que discute isso é o “Adeus hormônios: contracepção não-hormonal”, que conta com 136.358 participantes e parte significativa desse número é composto por mulheres² que moram em São Paulo. O estudo usará autores e seus textos para pensar e analisar as frequentadoras do grupo, os quais abrangem perspectivas sociais, históricas e antropológicas.

A pesquisa é uma etnografia, que abrange diversos recursos metodológico e pretende compreender a partir da netnografia como ocorre a interação no grupo “Adeus hormônios: contracepção não-hormonal”, a relação das mulheres com seus corpos e o impacto disso na percepção corporal.

² No grupo são aceitas pessoas com sistema reprodutor feminino.

Antropologia, Anticoncepcional e o Corpo

É possível ver o impacto da medicina na vida das pessoas, a “antropologia médica” tem sua principal base na antropologia estadunidense, analisando as diversidades em relação às concepções de corpo e das doenças, mostrando que as referências biológicas tinham patamar absoluto nesse campo. Existe também a “antropologia da saúde”, que tem a França como matriz e parte de uma noção de cultura que configura-se como outra experiência em si da biomedicina. É discutido que no Renascimento a medicina fez uma cisão entre a pessoa e o corpo humano, essa foi uma mutação ontológica fundamental para a concepção ocidental de pessoa, para a construção de uma noção de pessoa separada do seu corpo físico, uma noção de pessoa cindida (SARTI, 2010).

Até o início do século XX no ocidente a essência feminina estava ligada ao órgão sexual, mas passa a ser localizada nas substâncias secretadas por ele, isso é, nos hormônios sexuais. E assim, a partir das décadas de 20 e 30 começa o desenvolvimento da endocrinologia, que será esse campo inovador que revoluciona os estudos sobre as diferenças sexuais (NUCCI, 2012).

O processo de desenvolvimento da endocrinologia³ desembocará, na metade do século XX, na criação da pílula anticoncepcional hormonal. Concomitantemente, desenvolveu-se a indústria farmacêutica e acordos eram feitos entre os cientistas e os laboratórios farmacêuticos. Logo, após identificar e sintetizar esses hormônios em laboratório, foram buscar utilidade para o remédio que tinham criado (OUDSHOORN apud NUCCI, 2012).

De acordo com Marina Nucci (2012), o primeiro impulso pela pesquisa geradora dos anticoncepcionais orais partiu das feministas. Margareth Sanger, precursora do controle de natalidade estadunidense, que por um longo tempo buscou pesquisadores para desenvolverem um método de contracepção simples e barato, encontrou o biólogo Gregory Pincus em 1953, que foi quem criou a pílula. Outra mulher com papel significativo foi Katherine Dexter McCormick, que financiou com custos próprios a maior parte da pesquisa sobre os anticoncepcionais, iniciada por Pincus em 1953, até sua comercialização, em 1957 (OLIVEIRA, 2016). É importante olhar para as mudanças no processo de criação da pílula, devido às

³Apesar da endocrinologia tratar inicialmente desse tema, depois a ginecologia torna-se responsável.

demandas sociais que precisavam ser atendidas (NUCCI, 2012).

Inicialmente, no começo da década de 60, ela era indicada para “regulação” do ciclo menstrual, pois até então nos Estados Unidos era proibido por lei a divulgação de informações sobre contracepção. Então foi aprovado apenas como um medicamento para combater desordens menstruais e a contracepção vinha nas entrelinhas como “efeito colateral”, apesar de ser amplamente conhecido, até que em 1960, a FDA⁴ aprovou a pílula anticoncepcional como método contraceptivo (NUCCI, 2012).

No Brasil e em outros países considerados de terceiro mundo na época, essa questão deu-se de uma forma diferente. A divulgação dos anticoncepcionais hormonais aconteceu como parte de políticas internacionais, visando a redução populacional. Especificamente no Brasil, a notícia do novo contraceptivo mais eficaz veio junto de dados ameaçadores sobre o perigo de uma superpopulação mundial e o Brasil era um dos países com perigo crescimento demográfico exacerbado.

Em 1962 começou a venda de anticoncepcionais hormonais no Brasil, a qual foi amplamente divulgada por representantes comerciais e médicos e tornou-se um mercado acelerado pois as mulheres de classe média rapidamente aderiram ao uso da pílula, visto que as camadas populares tinham acesso gratuito ao anticoncepcional (PEDRO, 2003).

A pesquisa feita por Joana Maria Pedro revela memórias do corpo e da intimidade de mulheres que sofreram contracepção hormonal.

A facilidade dada no Brasil para a entrada de anticoncepcionais expôs as mulheres brasileiras aos experimentos iniciais deste medicamento. As altas dosagens hormonais que essas pílulas possuíam geraram inúmeras queixas. A memória das mulheres registrou o mal-estar, os enjôos, as dores de cabeça, as varizes, os engordamentos (PEDRO, 2003, p.249).

Várias das entrevistadas optaram por métodos esterilizadores após sentirem as consequências da pílula em altas dosagens hormonais, isso revela como lutas

⁴ Food and Drug Administration (FDA) é a agência do governo federal dos Estados Unidos sobre proteção ao consumidor mais antiga. Ela é responsável pela proteção da saúde pública garantindo a segurança e eficácia de medicamentos (humanos e veterinários), produtos biológicos e a segurança de alimentos, cosméticos e produtos estadunidenses que emitam radiação. Ela tem a função de regulamentar (dentro das responsabilidades regulatórias, tem por exemplo as leis e regulamentos), proteger a saúde pública, acelerar inovações que tornem os produtos mais seguros, eficazes e acessíveis (WHAT WE DO, 2018).

políticas podem interferir na intimidade e no anticoncepcional muito mais como um problema do que uma conquista, pelo descaso que foi administrado (PEDRO, 2003).

Estas reflexões levam a discussão da medicalização da sexualidade, a fertilidade e a reprodução serem tratadas quase que exclusivamente como assuntos femininos⁵. A contracepção hormonal torna-se uma “droga de estilo de vida”, pois acaba medicalizando algo que de fato não é uma doença, em nome do estilo de vida. A medicação define como 28 dias o ciclo menstrual “normal” e é usada para a regulação de quem está fora desses 28 dias. Primeiramente administrada via oral por acreditarem que as mulheres não iriam querer se submeter a agulhas regularmente. Levando em conta a possibilidade de objeção pela medicação interferir na menstruação, mesmo que desnecessária, criam a pausa para mimetizar o sangramento, dando uma aparência de mais “natural” (PEDRO, 2003).

As propagandas mostravam ele como além de um contraceptivo, como dito anteriormente, era apresentado como regulador do ciclo, poderia também diminuir o fluxo, as acnes, irritabilidade, dores de cabeça e mesmo alertando sobre os efeitos colaterais, usavam como método de venda os componentes de estilo de vida.

É considerada uma “droga do estilo de vida” justamente por exaltar benefícios que não são a contracepção, em detrimento dos efeitos colaterais, seria algo maior que a esfera médica, até mesmo como um *ícone fashion* quando criam bolsinhas para carregar as cartelas. Outro exemplo, é quando fazem as pílulas contínuas, visando a supressão da menstruação, supostamente para acompanhar a vida da “mulher moderna”, em que menstruar seria um inconveniente (PEDRO, 2003).

Essas discussões convergem com Rohden (2001), pois ela coloca a ginecologia como uma ciência da mulher e da diferença, como dito anteriormente, por ela definir os parâmetros do que difere os sexos e atrela a mulher especialmente a sua função reprodutiva. Fazer isso é criar uma noção de corpo para as mulheres, neste caso, meramente de máquina reprodutiva.

Cada sociedad esboza, en el interior de su visión del mundo, un saber singular sobre el cuerpo: sus constituyentes, sus usos, sus correspondencias, etcétera. Le otorga sentido y valor. Las concepciones del cuerpo son tributarias de las concepciones de la persona. Así, muchas sociedades no

⁵São de fato assuntos médicos e do Estado, mas a responsabilidade pela contracepção é colocada na mulher.

distinguen entre el hombre y el cuerpo como lo hace el modo dualista al que está tan acostumbrada la sociedad occidental (LE BRETON, 202. p.8).

Para pensarmos no corpo da mulher atualmente, precisamos compreender as noções de corpo anteriores. Segundo Le Breton (2002), a existência humana é corporal e cada sociedade, de acordo com suas especificidades, terá uma visão sobre o corpo. O corpo moderno estaria em outra ordem devido a estrutura individualista, levando ao isolamento do sujeito e nessa concepção, o corpo é o local da censura. Logo, as concepções que temos de corpo são fruto da estrutura social, do aumento do individualismo, pensamento racional, diminuição dos saberes populares locais, etc.

“La medicina clásica también hace del cuerpo un *alter ego* del hombre” (LE BRETON, 2002, p.10, itálico do autor). Ela separa a pessoa doente de suas apreensões, sua história, como se relaciona com o inconsciente, para olhar apenas para as falhas nos processos orgânicos. O importante não é a pessoa que está doente, mas sim o corpo doente, isso é, a medicina separa o corpo da pessoa para tratá-la (LE BRETON, 2012).

Devido as representações corporais estarem intimamente ligadas com as respectivas sociedades, o corpo não é uma realidade, mas sim uma construção simbólica. Em nossa sociedade, temos muito forte a concepção biomédica dentro de toda estrutura individualista abordada anteriormente. Tratando sobre a polissemia do corpo, nas sociedades tradicionais existe uma composição holista e comunitária, na qual o homem não é cindido e está incorporado na comunidade, natureza e no cosmos (LE BRETON, 2012).

O corpo popular é referente a civilização medieval (incluindo a renascentista) e era uma mescla entre saberes populares locais e os do cristianismo. A pessoa não se difere da comunidade e cosmos na qual está inserida, é reunido pela multiplicidade com os outros indivíduos sem que a singularidade o torne indivíduo (no sentido moderno). Ele toma consciência de sua identidade, mas dentro da rede de correlações estreita. Dentro da antropologia do cosmos, o homem também não é visto separado de seu corpo, pois a pessoa é parte das forças que regem o mundo. Na época da filosofia cartesiana o indivíduo começa a se transformar em uma significativa estrutura da sociedade, entretanto, não em seu conjunto (LE BRETON, 2012).

Falar de corpo hoje nas sociedades ocidentais é falar do saber biomédico, da anatomia, fisiologia, etc. Cada pessoa tem um sujeito, tem um conhecimento muito vago de seu próprio corpo. Há apenas a aparência de um saber da anatomia e fisiologia, aprendido na escola. É um saber confuso, são poucas as pessoas que realmente conhecem seu corpo. Muitos títulos se referem ao corpo como “uma máquina maravilhosa”. A máquina não se compara com o corpo, mas sim o corpo com a máquina, a comparação só pode ser feita deste modo e paradoxalmente, a nobreza ao corpo é um signo indiscutível do início da modernidade (LE BRETON, 2012).

Para las orientaciones técnicas y científicas de la modernidad, el cuerpo es un bosquejo, un borrador cuyos rendimientos hay que controlar y mejorar. O bien suprimir para que haya una mejor funcionalidad. Cuerpo supernumerario al que el hombre le debe la precariedad y al que quiere volver impermeable a la vejez o a la muerte, al sufrimiento e a la enfermedad (LE BRETON, 2012, p.248-249).

Assim, Le Breton (2012) termina seu livro, trazendo a importante reflexão do corpo máquina, que deve ser controlado, sem doenças, sofrimentos, velhice e morte, muito converge com a medicalização da sexualidade, pois a criação de uma pílula capaz de mecanizar o corpo da mulher é justamente isso, além de gerar o desconhecimento sobre seu próprio corpo.

Em seu estudo sobre o corpo, Sarti (2010) faz a análise antropológica em relação aos saberes biológicos, revelando implicitamente uma dimensão política dentro do campo da saúde.

Recorrendo a clássica formulação de Althusser (1985), segundo a qual a ideologia tem como marca interpelar o sujeito, em sua objetividade, a medicina como aparelho ideológico, interpela-nos permanentemente, onde quer que estejamos. É ela que, onipresente, vem nos dizer não apenas como curar nossas doenças ou aliviar nosso sofrimento, mas propriamente, como viver (SARTI, 2010, p.78).

Ao falar sobre o corpo, Sarti (2010) discute sobre o corpo fazer-se humano por estar inscrito em um sistema simbólico, isto é, não há uma existência corporal prévia, pois não existe uma ordem natural que antecede a cultura. Voltando ao Le Breton (2012), a maior concepção de corpo ocidental contemporânea continua

sendo a que faz a separação de pessoa e de corpo, que ocorre com o dualismo cartesiano, levando a lógica mecanicista do corpo. Isso também se deve a anatomia, a partir do século XV, quando os corpos começaram a ser dissecados.

A noção cindida de indivíduo, dicotomizado em pessoa e corpo, iniciada na modernidade se estende até hoje (LE BRETON, 2012). Essa noção que separa o corpo, derivada do conhecimento anatômico e fisiológico foi relevante pois cria um conhecimento, entretanto, passa a conceber exclusivamente a noção biológica (SARTI, 2010).

Ao vermos essa noção seccionada de pessoa e levamos em consideração a mera condição reprodutiva em que o feminino é colocada, um movimento onde mulheres questionam essas concepções, essas noções sobre o corpo, sobre os hormônios que estão ingerindo, debatem e mudam seu olhar sobre si mesmas e sobre o mundo levanta o questionamento sobre qual é a relação entre visão de corpo, redes sociais e contracepção.

Para Além do Anticoncepcional

A ideia do anticoncepcional como invenção salvadora tem sido questionada por uma nova onda feminista, levando em conta a história da criação da pílula e seus riscos. Consequentemente, tais questões, como a contracepção e saúde feminina tornam-se políticas. Logo, um número crescente de mulheres está buscando métodos anticoncepcionais não-hormonais e para isso, as redes sociais cumprem um papel fundamental, é através delas que existe a troca de experiências e de informações sobre o tema (LIMA, 2017).

Segundo Faria, o coletivo não é “anti-hormônio”. “Reconhecemos que muitas mulheres podem beneficiar-se de seu uso. Mas, em geral, um médico não dispõe de uma hora para oferecer esse tipo de informação. Por isso as mulheres têm se organizado em grupos no Facebook para buscar e compartilhar elas próprias as informações.” (LIMA, 2017).

Sabendo disso, atualmente as redes sociais têm um grande papel na formação de ideias das pessoas⁶ e também se mostrou grande mobilizadora de

⁶ “Nunca a palavra feminismo foi tão falada e divulgada como nos últimos anos” (VICENTE, 2016). Segundo Fernanda Vicente (2016), as redes sociais têm papel fundamental em relação às mulheres, pois é o espaço onde elas debatem, se organizam, criam ações. Foram realizadas ações como

grupos nos últimos anos, além de espaços amplos de debates. Segundo Marteleto (2001), há valorização de relações informais nas redes sociais, caracterizando hoje uma forma de organização humana, portanto, a análise das redes mostra dados da realidade social contemporânea.

“Mesmo nascendo em uma esfera informal de relações sociais, os efeitos das redes podem ser percebidos fora de seu espaço (...)” (MARTELETO, 2001, p.72). Além do mundo virtual, o grupo “Adeus hormônios: contracepção não-hormonal” extravasa para o cotidiano, cria relações e debates entre mulheres no online e no offline trazem a prática, alterando a percepção sobre os próprios corpos.

Luana Moreira, em 2015, ao sentir falta de um espaço para conversar abertamente sobre autoconhecimento corporal e contracepção cria o grupo secreto de *Facebook* “Adeus Hormônios contracepção não-hormonal”, o qual é uma cultura digital. Ele possui membros, administradoras e moderadoras, nele temos um *post* fixo, cuja leitura é indicada como a primeira ação a ser feita, onde contém as FAQ⁷ (questões frequentes), regras, links sugeridos, entre outros. Antes de uma publicação ser feita, é preciso colocar tags, isso é, colocar palavras sobre o conteúdo da postagem entre colchetes, assim, antes de ler o texto, todos podem ter noção do conteúdo e a partir disso julgar se querem ler ou não, além de outras razões, isso é feito para evitar gatilhos (LISBOA, 2017). Essa sensação da falta de um local para diálogos e trocas não era sentido apenas por Luana Moreira, isso é confirmado no relato das participantes.

As razões pelas quais as mulheres do grupo iniciaram tratamentos com os anticoncepcionais são as mais diversas, desde a própria contracepção, até questões estéticas. De acordo com a ginecologista do Coletivo Feminista Saúde e Sexualidade, Halana Faria fala sobre um ponto fundamental: a falta de diálogo entre ginecologistas e suas pacientes. Nas consultas feitas no coletivo, todas as opções, benefícios e riscos são mostradas e ela diz que isso é algo que deveria ser tratado com qualidade, desde a escola por exemplo.

Entretanto, em uma consulta, abordar tudo isso requer um tempo maior, algo que geralmente os médicos não se dispõem a fazer em seus consultórios. Portanto, as

#chegadefiuuiu, na qual de forma espontânea mulheres se mobilizaram para denunciar assédios sofridos, por alcançar um grande número de mulheres.

⁷ *Frequently asked questions.*

próprias mulheres se organizam em busca de informações e compartilham entre si em grupos de *Facebook* (LIMA, 2017).

A indicação hormonal vêm quase sempre como uma imposição, desacompanhada de diálogo e explicações. É recorrente no grupo conversas sobre efeitos colaterais, pela falta de conhecimento prévio do corpo, muitas mulheres só entendem que seus sintomas são fruto da contracepção que tomam após o contato com o grupo. Isso também acontece pois muitas participantes começam a tomar a pílula desde cedo, deixando seus corpos e ciclos artificiais, impedindo de distinguirem o que é ou não natural.

Devido a noção de corpo ocidental que temos, que prioriza o saber biomédico, que ensina nas escolas de forma vaga a anatomia e fisiologia, não permite que os alunos se identifiquem com o que estão aprendendo, contribuindo para as mulheres desconhecerem seus corpos. A família também não foge disso, muitas vezes o diálogo é evitado, por ambas as partes, principalmente por vergonha de falar sobre corpo e sexualidade. Quando a conversa existe, geralmente é com a mãe e irmãs, isso é, restrito às mulheres. A religião, tanto da família quanto da própria mulher, também pode influenciar.

Eu acho que o grupo me ajudou muito a tomar minha decisão de parar a pílula, eu acho que é um espaço muito compreensivo e você se sente à vontade, eu não sei, eu acho que às vezes nessa jornada você se sente muito sozinha, você sente que não conhece seu corpo, você fica com medo, porque você vai na ginecologista e a ginecologista fala que você não pode parar de tomar pílula, pílula é a melhor coisa, blablablá, você vai engravidar, entendeu? Então ter uma rede de apoio de mulheres que te dão força e que te fornecem informações confiáveis é... me ajudou muito, muito. (Carolina, participante do grupo "Adeus Hormônios: contracepção não-hormonal").

Para além do anticoncepcional, o grupo cria uma rede de mulheres, que fornece bases para se auto conhecerem e fortalecerem, é um espaço compreensivo de diálogo, pois como vimos, muitas vezes isso não existe em casa, nas escolas, nem onde é próprio para isso, em consultas ginecológicas. De acordo com as entrevistadas, abandonar os métodos contraceptivos hormonais pode ser uma

jornada difícil e solitária, por isso esse apoio é necessário. É comum mulheres desse grupo discutirem sobre esses assuntos com suas amigas, mas também, algumas procuram inserir seus parceiros nos temas.

A falta de conhecimento corporal, essa noção de corpo cindida, desconectada, do corpo feminino como máquina reprodutiva vai se diluindo e dando lugar a mulheres que questionam um método contraceptivo tão consolidado, que mascara seus corpos e ciclos, que impõe uma falsa normalidade, uma mecanicidade do corpo. Prestar atenção em seus reais ciclos, entender que o corpo não é uma máquina, dividir conhecimentos naturais, se olhar, se tocar, falar sobre, uma série de ações mudam o olhar sobre o corpo.

“Com certeza o ponto mais alto de ter parado de ter parado com o “anti” foi me conhecer e conhecer meu ciclo, dar atenção pra isso de fato.” (Jasmin, participante do grupo “Adeus Hormônios: contracepção não-hormonal”). Assim como Jasmin, a maior parte das participantes parou de utilizar a contracepção hormonal após a entrada no grupo. Além disso, podemos ver uma transposição dessa noção de corpo fragmentada que geralmente temos, para uma que busca de fato se autoconhecer completamente.

Acho que uma coisa que me motivou bastante foi ter começado a ter mais contato com o feminismo também, antes eu tomava pílula no automático. De um pouco mais de um ano pra cá, comecei a pensar mais no meu corpo e na minha sexualidade através do feminismo e me toquei que eu tenho direito a métodos contraceptivos que não coloquem minha saúde em risco. (Laura, participante do grupo “Adeus Hormônios: contracepção não-hormonal”).

Os feminismos, de forma direta ou indireta, tem um papel fundamental nisso. Ele abriu as portas para as mulheres nos anos 60 reivindicarem o domínio do seu corpo, dominarem sua própria sexualidade, decidirem quando queriam ou não ter filhos, hoje, as portas que ele abre também são para o domínio do corpo, mas em uma esfera diferente. Em muitos casos, o contato com ele que propiciou a entrada das mulheres no grupo e atualmente, para essas mulheres, ter direito ao próprio corpo é ter direito a uma contracepção digna e que ter a consciência do próprio corpo também é uma forma de empoderamento.

Conclusão

A partir do grupo de *Facebook* “Adeus Hormônios: contracepção não-hormonal” e de suas participantes⁸, pudemos traçar uma análise sobre uma mudança na percepção do corpo. Direcionando o olhar a partir da antropologia interpretativa de Geertz (1978), na qual temos a descrição densa e uso das múltiplas vozes, além da utilização do quadro histórico, pudemos ver como se deu a criação do anticoncepcional e seus propósitos, de ambos os lados e como isso se aconteceu nos países, pois no Brasil veio muito mais como uma imposição do que uma conquista.

Portanto, essas discussões nos direcionam para a medicalização da sexualidade, onde o anticoncepcional hormonal funciona como uma “droga do estilo de vida”, medicalizando algo natural, regularizando ciclos que nunca foram irregulares.

É fundamental compreender que noção corporal é algo que muda de sociedade para sociedade, dependente da estrutura social e como uma construção simbólica, para podermos entender a percepção corporal da mulher hoje. Desde o corpo moderno, como estrutura individualista, lugar da censura, a medicina clássica, que separa a pessoa de seu corpo para tratá-la, o corpo popular que misturava saberes populares com religiosos e da mudança que sofre com a filosofia cartesiana e do corpo hoje, atrelado a biomedicina, a anatomia e fisiologia. Por fim, o corpo máquina, totalmente controlado que relacionamos com o anticoncepcional, uma pílula que controla nosso corpo (LE BRETON, 2012). Le Breton⁹ mostra como desde a modernidade até hoje temos uma noção cindida de indivíduo.

Abordamos sobre como a conquista feminista¹⁰ da década de 60 é atualmente questionada e qual é a história do grupo, pois vimos a relevância dos

⁸ Sendo parte significativa de paulistas.

⁹ (2012).

¹⁰ Importante ressaltar que hoje o feminismo não é pensado como um feminismo único, mas sim como feminismos, múltiplos, plurais. Isso acontece pois ele se demonstra em muitos momentos heterogêneo, são diversas vertentes, grupos e dentro deles existem muitas mulheres, diferentes em diversos aspectos e que tem lutas em comum e específicas de seu grupo.

grupos digitais atualmente. Independente de qual seja a motivação do início da contracepção hormonal, a grande maioria das mulheres de fato para seu uso após o contato com o grupo e que para além do anticoncepcional, é importante olhar a criação de um novo espaço de diálogo por mulheres que não conseguem estabelecer essa relação com suas famílias, escola, médicos e a partir desses diálogos, modificam a percepção sobre seus corpos.

Referências

- AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como Aporte Metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital, in **Revista Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, dez./2008, pp.34-40.
- CAROLINA (participante do grupo “Adeus Hormônios: contracepção não-hormonal”), entrevista presencial realizada em São Paulo, em 23/01/2018, por Rachel Pepe.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- JASMIN (participante do grupo “Adeus Hormônios: contracepção não-hormonal”), entrevista online, realizada no grupo “Adeus Hormônios: contracepção não-hormonal”, por Rachel Pepe.
- KOZINETS, Robert. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LE BRETON, David. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- LAURA (participante do grupo “Adeus Hormônios: contracepção não-hormonal”), entrevista presencial realizada em São Paulo, em 18/03/2018, por Rachel Pepe.
- LIMA, Juliana. **Pílula Anticoncepcional: da revolução sexual à revisão do seu uso?** [s.l.]: Nexo Jornal, 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/09/15/P%C3%Adlulaanticoncepcional-da-revolu%C3%A7%C3%A3o-sexual-%C3%A0-revis%C3%A3o-deseuuso>> Acesso em 25 set 2017.
- LISBOA, Ana Paula. Quer sair da pílula? Entenda alternativas e riscos de cada contraceptivo. [s.l.]: Revista AzMina, 2017. Disponível em: <<http://azmina.com.br/reportagens/quer-sair-da-pilula-entenda-alternativas-e-riscos-de-cada-contraceptivo/>> Acesso em 30 agosto 2018.
- MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de

transferência da informação. *Ciência da informação*, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

NUCCI, Marina Fisher. **Seria a pílula anticoncepcional uma droga de “estilo de vida”?** Ensaio sobre o atual processo de medicalização da sexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 10, p. 124-139, 2012.

OLIVEIRA, Tory. **O nascimento da pílula** [s.l.]: Carta Capital, 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-nascimento-da-pilula>> Acesso em 15 maio 2017.

PEDRO, Joana Maria. **A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração.** *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, p. 239-260, 2003.

ROHDEN, Fabíola. **Uma Ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

SARTI, Cynthia. **Corpo e doença no trânsito de saberes.** *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 25, n. 74, p. 77-90, 2010.

TAFARELO, Cláudia Siqueira César. Análise crítica entre etnografia e netnografia: métodos de pesquisa empírica. In. **INTERPROGRAMAS DE MESTRADO FACULDADE CÁSPER LÍBERO**, 9., 2014. São Paulo. Anais... São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2014.

VICENTE, Fernanda. **O impacto do feminismo nas redes sociais** [s.l.]: Ondda, 2016. Disponível em: <http://ondda.com/noticias/2016/10/o-impacto-do-feminismo-nas-redes-sociais>> Acesso em 19 maio 2017.

What We DO [s.l.] U.S. FOOD & DRUG ADMINISTRATION, 2018. Disponível em: <https://www.fda.gov/AboutFDA/WhatWeDo/default.htm>> Acesso em 03 dez 2018.

